

A CIRCULAÇÃO DO *LIVRO DE ISAAC* EM PORTUGAL

César Nardelli Cambraia *

RESUMO: O presente trabalho¹ tem como objetivo tratar da presença do *Livro de Isaac* em Portugal. Após descrever sumariamente as vias de acesso da obra de Isaac na Península Ibérica, discute-se a sua circulação na Idade Média portuguesa.

Palavras-chave: Filologia Portuguesa, Crítica Textual, Isaac de Nínive, Idade Média.

Não há como não ficar atônito ao tomar conhecimento da obra de Isaac de Nínive e de sua difusão pelo mundo: certamente surpreende o fato de as palavras de um humilde religioso no Oriente Médio do século VII terem sido traduzidas para diversas línguas, atingindo, assim, ao longo dos 13 séculos seguintes, os mais variados países e culturas do mundo ocidental e oriental. A fim de apresentar contribuição para o conhecimento dessa vasta tradição, discute-se aqui sua sorte na tradução para a língua portuguesa.

1 O *LIVRO DE ISAAC* EM LÍNGUAS DA PENÍNSULA IBÉRICA

Das obras que teriam sido compostas por Isaac de Nínive, foi a chamada *Primeira Parte*, composta de 82 capítulos e tida como

* Universidade Federal de Minas Gerais.

¹ Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no *Segundo Seminário Internacional de Trabalho Filológico: Memória e Fixação: Textos Medievais Portugueses e Documentação Brasileira do Ouro*, Universidade de São Paulo, 18 a 21 de setembro de 2001.

seguramente genuína (BROCK, 1987, p. 43), que logrou maior difusão pelo mundo.² Tendo sido escrita originalmente em siríaco, teria sido traduzida para o grego em fins do séc. VIII ou princípios do séc. IX e, deste, para o latim entre os sécs. XIV e XV.

Três foram as línguas ibero-românicas para as quais se traduziu, muito provavelmente a partir do latim,³ a obra de Isaac na Idade Média: catalão, espanhol e português – não necessariamente nessa ordem, do ponto de vista cronológico.⁴

Em catalão, subsistem ainda três cópias da obra de Isaac de Nínive. Uma delas, do séc. XV, encontra-se nos fólhos 1r-70r do cód. *n.l.16* pertencente ao Mosteiro de São Lourenço do Escorial; a segunda acha-se nos 118v-127v do cód. *148 (olim 20-5-33)*, do final do século XVI, da Biblioteca Universitária de Barcelona; e a terceira está nos fólhos 1r-185r do cód. *5-3-42* da Biblioteca Capitular e Colombina de Sevilha. Todas elas inéditas até o presente momento.

Em espanhol, o único testemunho manuscrito medieval da obra de Isaac de que se tem notícia é o códice que, segundo Baraut (1962, p. 174), fora descoberto e estaria sendo estudado pelo Reverendo Melquíades Andrés, porém não só o estudo em questão não parece ter sido publicado como o próprio códice se perdeu. Esse testemunho apresentava a tradução para o espanhol feita pelo Frei Bernal Boyl e consta, no próprio códice, ter sido terminada na data de 13 de fevereiro de 1484 no mosteiro de San Cugat del Vallés (*sanctum Cucufatum vallis Aretanae*). Baraut (op. cit.) sugere que teria sido realizada entre 1480-1484. Tal tradução teria sido, segundo argumenta Baraut (1962, p. 178), publicada em Zaragoza, na ofi-

² Uma visão da amplitude de sua difusão pode se ter analisando as descrições da tradição dessa obra feitas por Chabot (1892, p. 54-69), Petit (1924, p. 10-1), Khalifé-Hachem (1971, col. 2041-2054), Miller (1984, p. lxxvii-cxii), Bunge (1985, p. 4-7) e Cambraia (2000a, p. 21-38).

³ Há uma cópia da tradução latina, intitulada *De Vita Solitaria*, nos fólhos 94v-115v do cód. *ALC 387 (olim CCLXI)* da Biblioteca Nacional de Lisboa, datada de 1409 A.D. e copiada por Fr. Martinho de Alcobaça.

⁴ Informações mais detalhadas sobre as tradições catalã, espanhola e portuguesa encontram-se em Cambraia (2002, p. 293-315).

cina de Juan Hurus, em 29 de novembro de 1489. Uma outra edição em espanhol aparece em outro incunábulo: trata-se de uma impressão realizada por Meynardo Ungut e Stanislao Polono, em Sevilha, em 26 de junho de 1497

Em português, tem-se atualmente notícia da existência de apenas três cópias manuscritas medievais da obra de Isaac de Nínive (CEPEDA, 1995, p. 134-5; e ASKINS, FAULHABER & SHARRER, 2001, (BITAGAP MANID 1606, 1141 e 1167)), aparentemente todas elas quatrocentistas:⁵ uma está presente no códice 50, 2, 15 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (editada por MENEGAZ, 1994); outra consta dos fól. 14r-101r do cód. alcobacense 461 (*olim* CCLXX) da Biblioteca Nacional de Lisboa; e a terceira encontra-se nos fól. 13r-20r do cód. CXIII/1-40 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora (estas duas últimas foram editadas por CAMBRAIA, 2000a).⁶ As versões *PR* e *PL* acham-se divididas em 48 capítulos⁷ (embora *PL* esteja acéfala, faltando-lhe os dois primeiros fólios do texto em questão), já *PE* constitui-se fundamentalmente de 37 pequenos excertos presentes nos caps. 3, 4, 5, 6, 10, 11, 13, 14, 16, 19, 21, 25, 26, 29, 45 e 46 das outras duas cópias portuguesas, somados a dois excertos ausentes destas: uma citação de São Mateus (cap. 19, vers. 27) e uma citação de Santo Ambrósio.

A existência de traduções do *Livro de Isaac* em tantas línguas já na Idade Média suscita a idéia de que, provavelmente, essa obra tivesse uma circulação notável, o que possibilitaria uma relação de diálogo com outras obras. Na seção que se segue será analisado jus-

⁵ Para um estudo sobre as relações entre os testemunhos portugueses do *Livro de Isaac*, consulte-se Cambraia (2000b); e para um estudo contrastivo da linguagem dos três testemunhos portugueses do *Livro de Isaac*, consulte-se Cambraia (2003).

⁶ Em nome da praticidade, utilizar-se-ão siglas para nomear as referidas cópias: cada sigla baseia-se na língua – P[ortuguês] x L[atim] – e na cidade em que se encontram os códices – R[jo de Janeiro] x L[isboa] x E[vora].

⁷ Os 48 capítulos da tradução portuguesa da obra de Isaac correspondem apenas a 25 dos 82 capítulos presentes no texto em siríaco editado por Bedjan (1909), somados a 2 outros presentes apenas na versão em inglês de Miller (1984) – todas apenas da *Primeira Parte* (um quadro de correspondência entre os capítulos encontra-se em Cambraia (2000a, p. 31-2)).

tamente esse aspecto, mas estritamente em relação à tradição portuguesa.

2. O LIVRO DE ISAAC EM PORTUGAL

Especificamente em relação à chegada da obra de Isaac em Portugal na Idade Média, é bem provável que tenha acontecido por obra de alguma ordem religiosa, em função da natureza do seu conteúdo. O fato de pertencerem ao patrimônio do Mosteiro de Alcobaça dois dos quatro exemplares medievais portugueses⁸ desse texto ainda existentes (*LL* e *PL*) parece confirmar essa hipótese.⁹

A doutrina de Isaac é certamente compatível com o movimento de renovação que a Ordem de Cister (a que pertencia o Mosteiro de Alcobaça) representava em relação à Ordem de Cluny. Como lembra Santana Neto (1997, p. 19), a Ordem de Cister, fundada em 1098 no convento francês de Cîteaux (ant. *Cistercium*) pelo monge beneditino São Roberto de Molesme (1027-1111), decorria de um movimento de regresso às origens provocado pela decadência e o mundanismo de Cluny. Tal movimento consistia em uma aplicação mais rigorosa da Regra de São Bento, opondo-se à sua deformação pela Ordem de Cluny.

A aplicação mais rigorosa da Regra de São Bento significava a adoção de hábitos compatíveis com os que eram defendidos pelo

⁸ Embora a história da *PE* não seja ainda conhecida, a história de *PR* parece associar também essa versão ao Mosteiro de Alcobaça – se, naturalmente, essa versão tiver sido a de D. Fernando, o Infante Santo, o qual tomava livros emprestados do referido mosteiro (cf. carta de 1431 com solicitação de empréstimo d' *O Livro de Confissões* de Martim Perez em Boaventura (1827, p. 36)).

⁹ Não se pode, porém, deixar de lembrar aqui as ponderações de Mattoso (1997) acerca dos códices do Mosteiro de Alcobaça: “Em primeiro lugar, não temos a certeza de todos esses códices terem pertencido ao mosteiro desde a data em que foram copiados. Em segundo lugar, podemos apresentar a hipótese de muitos deles terem vindo de outros mosteiros cistercienses e [sido] recolhidos na época moderna. [...] Podiam ser cópias que circulavam entre os vários mosteiros da mesma observância. [...] Os seus livros resultariam de uma concentração de manuscritos espalhados por todos o país.” (MATTOSO, 1997, p. 509-10)

próprio Isaac em sua obra – por exemplo, a solidão ou o “apartamento do mundo” Duroselle (1949, p. 60), ao assinalar que reforma cisterciense se inspirava em São Bento, descreve alguns dos costumes (re-)adotados: supressão da pompa no ofício divino da Ordem de Cluny, restauração do canto gregoriano em toda sua pureza, reabilitação do trabalho manual, retorno ao despojamento, busca pelo silêncio e pela solidão, adoção de hábitos grosseiros de lã branca, proscrição da carne.

A busca da solidão¹⁰ constituía um retorno genuíno às origens do monaquismo: segundo assinala Santana Neto (1997, p. 14-5), os primeiros monges foram anacoretas que, em função do chamado de Deus, viveram na solidão, distantes do mundo. Mesmo com o desenvolvimento de instituições monásticas (como a dos beneditinos), o gosto pela vida eremítica, que se implantou no Ocidente, não cessou ao longo dos primeiros séculos da Idade Média. Desenvolveu-se mesmo um amplo movimento de procura da solidão, na esperança de ganhar o céu expondo o corpo aos tormentos do frio, do calor, do jejum.

A doutrina dos monges do Oriente era bastante condizente com o movimento, representado pela Ordem de Cister, de combate à deformação da ordem monástica de que derivava (Ordem de Cluny), pois era bastante severa, sendo mesmo mais dura que a própria Regra de São Bento: “Enquanto o monaquismo oriental se caracterizava pela dureza de suas regras, pelas proezas ascéticas dos monges, São Bento adotou uma fórmula mais humana: ‘nada de austero demais, nada de pesado demais’” (DUROSELLE, 1949, p. 31; tradução nossa).

Algo que chama a atenção quanto à difusão da obra de Isaac em mosteiros portugueses é o fato de Isaac provavelmente não ter sido considerado um autor heterodoxo, caso contrário a circulação

¹⁰ O fato de a versão latina do *Livro de Isaac* presente no cód. ALC 387 ter como título *De vita solitaria* demonstra claramente que o “apartamento do mundo” pregado por Isaac era considerado um dos aspectos mais valorizados de sua doutrina.

de sua obra poderia ter sido interrompida. Para Martins (1952, p. 154), neste “livro de ascese [o *Livro de Isaac*], com páginas de mística pura, devia ser difícil enxergar, prontamente, qualquer das infiltrações nestorianas de que se enfermou o autor. [...] De facto, ao lermos estas páginas, dificilmente encontramos, nelas, qualquer sombra de nestorianismo, se é que lá existe” A heterodoxia de Isaac, que não é consensualmente aceita pelos estudiosos, consistiria em se ter filiado ao Nestorianismo, vertente da Igreja representada por Nestorius (patriarca de Constantinopla entre 428 e 431), para a qual haveria duas pessoas separadas em Cristo – uma divina e outra humana (por isso, chamada de “difisista”) –, opondo-se à doutrina ortodoxa (“monofisista”), para a qual Cristo era uma única pessoa, ao mesmo tempo Deus e homem (CROSS & LIVINGSTONE, 1974, p. 961-3). Essa polêmica, aliás, acabou por interferir na própria transmissão da obra de Isaac: como já foi dito anteriormente, uma das diferenças entre a família ocidental e a oriental dos códices em siríaco com o texto de Isaac é a mudança na atribuição de citações, que também se verifica, juntamente com supressões, na tradução grega. Para Wensinck (1969, p. xvii), tal artifício tinha como objetivo suprimir os nomes que não eram aceitos pela Igreja monofisista. O mesmo estudioso faz referência ao prefácio da edição em siríaco realizada por Bedjan, no qual o editor demonstra como passagens sobre a natureza de Cristo foram alteradas por escribas e tradutores não-nestorianos.

Voltando à questão da presença da obra de Isaac em vernáculo na Idade Média portuguesa, convém salientar que sua aparição em português não deve ser interpretada isoladamente, pois se deu em uma época em que florescia em Portugal uma literatura religiosa e mística em vernáculo (SARAIVA & LOPES, 1995, p. 149-52). Nessa época, realizaram-se traduções para o português de diversas obras de cunho religioso originalmente redigidas em outras línguas – em especial, o latim: o *Castelo Perigoso*, de Fr. Roberto (cartuxo francês), teria sido traduzido do francês; o *Vergel de Consolação*, de Fr. Jacobo de Benevente (dominicano italiano), teria vindo de tradução castelhana; do latim traduziram-se obras como *Imitação de Cristo*

(de Tomás de Kempis), *Diálogos de São Gregório*, diversas hagiografias, e muitas outras obras. Dentre aqueles textos que foram originalmente escritos em português, podem-se citar *Horto do Esposo* (anônimo), *Laudes e Cantigas Espirituais* (de André Dias, bispo de Ajácio e Mégara), *Corte Imperial* (anônima), *Boosco Deleitoso* (anônimo). Embora estes últimos tenham sido escritos em português, não raramente incorporaram excertos de outras fontes: tal é o caso do *Boosco Deleitoso*, sobre o qual se falará novamente mais adiante.

As traduções de textos religiosos latinos para o vernáculo, de acordo com Mattos e Silva (1989, p. 33), devem ter começado por volta de fins do século XIII e teriam sido paulatinamente incrementadas, atingindo seu ápice no século XV com o incentivo da infantado de Avis, dentre os quais se destaca D. Duarte, que elegeu como seu esmoler-mor o abade de Alcobaça, D. Estêvão de Aguiar, um grande fomentador do enriquecimento cultural do Mosteiro de Alcobaça.

Embora diversas obras medievais de natureza religiosa em português não fossem propriamente originais, mas sim parte de um patrimônio medieval mais geral (eram traduções ou adaptações de outras obras), essas obras, segundo assinala Figueiredo (1960, p. 104), “têm grande importância didática para a história da formação da língua literária, do seu enriquecimento verbal e da aquisição da sua flexibilidade expressiva. Não serão obras originais, mas ajudam o idioma a achar sua original virtuosidade”

Dentre as obras de cunho religioso que circularam em português, é de especial interesse aqui o *Boosco Deleitoso*, pois nesse texto encontra-se presente como personagem o próprio Isaac! A referida obra, impressa em 1515 por Hermão de Campos, mas com linguagem que representa “uma fase lingüística muito mais antiga, dos começos do séc. XV, ou ainda fins do séc. XIV” (VASCONCELOS, 1959, p. 126), constitui um texto em louvor da vida eremítica em que o personagem principal é um “mesquinho pecador” que dialoga com vários interlocutores (um mancebo, que representa um anjo; diversas donas: Justiça, Temperança, Fortaleza, Prudência, Santa Ciência da Escritura; uma donzela: Misericórdia; dentre outros). Em

determinado momento (no cap. IV), porém, toma a palavra no diálogo “ũu santo abade que i estava em vestiduras de ermitam” (MAGNE, 1950, p. 148), o qual é logo identificado como “amigo abade Isac” (idem): sua participação no diálogo restringe-se a uma fala (no texto, um parágrafo) e o conteúdo é perfeitamente compatível com as idéias presentes no *Livro de Isaac* das versões portuguesas. É curioso, no entanto, que no turno seguinte do diálogo, agora de responsabilidade do “nobre solitário”, que também é chamado na obra de “D. Francisco”¹¹ (MAGNE, 1950, p. 150), a sua fala apresenta semelhanças notáveis com o texto do *Livro de Isaac*. A utilização de imagens relacionadas ao mar, tão freqüentes na obra de Isaac, aflora nesse diálogo. Contraste-se, por exemplo, o primeiro trecho abaixo, extraído da fala do nobre solitário no *Boosco Deleitoso*, com o segundo, retirado do *Livro de Isaac* (testemunho PL):

[...] tempo é que tornes a tua barca, em que andas navegando em as tormentas dêste mundo, e que te venhas ao pôrto mais chegado onde lances âncora pera haveres folgança e assessêgo, e leixa aos outros os cercamentos dos andares do mar e das terras, que som cheos de muitos periigos e de muitos trabalhos sem conto. (MAGNE, 1950, p. 149) – *Boosco Deleitoso*, capítulo IV. [Texto crítico]

O mar vil e fedorento que é posto antre nós e o Paraíso podemos passar com a nave da pẽintencia, contanto que hajamos os remos e aparelhos do temor. E se estes remos e aparelhos do temor nom governam esta nave da pẽintencia com que passamos este mar deste mundo até que sejamos passados e aportados ante o Nosso Senhor Deus, afogamos-nos e entramos eno mar fedorento do mundo. Peintencia é a nave, e o temor é o seu governalho, e a caridade é o seu divinal porto. E assi o temor nos faz seer seguros ena nave da pẽintencia, e nos faz passar o mar do mundo fedorento e amargoso, e nos arriba e faz chegar ao divinal porto, que é caridade, ao qual porto aguardam e esperam ṽiir todos aqueles que sofrem trabalhos da verdadeira pẽintencia.” (CAMBRAIA, 2000a, p. 509-11) – *Livro de Isaac*, capítulo XLIII. [Edição interpretativa de PL]

Como já assinalou Magne (1950, p. v), “quási a metade do livro impresso por Hermão de Campos reproduz o *De vita solitaria* [de Petrarca], ou seja, com leves falhas e interpolações, do capítulo

¹¹ Para Magne (1950, p. V), esse D. Francisco seria o próprio Francisco Petrarca.

XVI ao capítulo CXVIII”, o que significa que o capítulo com a fala do abade Isaac, teoricamente, também derivaria da referida obra de Petrarca. Entretanto, uma busca na própria *De Vita Solitaria* (PETRARCA, 1956, p. 285-596) revelou que essa participação de Isaac não parece derivar da obra referida, pois não consta lá. Duas são as menções a Isaac no *De Vita Solitaria* de Petrarca: uma encontra-se cap. I do *Liber Secundus* (“seu Isaac monachum, illius impietatem divini comminatione iudicii retundentem” (PETRARCA, 1956, p. 412)) com sua correspondência no cap. LXXXI do *Boosco Deleitoso* (“e Isaac, monge, que quebrantava a crueza do emperador com a ameaça do juízo de Deus” (MAGNE, 1950, p. 185)) e outra acha-se no cap. II do *Liber Secundus* (“Quid hoc patre satus Isaac? quando sibi de terra longinqua fecunda uxor advecta est, quid putas agebat?” (PETRARCA, 1956, p. 420)) com sua correspondência no cap. LXIII do *Boosco Deleitoso* (“Que cuidas que fazia o santo Isaac, filho dêste Abraão, quando lhe trouveram sua mulher de longa terra” (MAGNE, 1950, p. 167)). Mas a menção a Isaac no cap. LV do *Boosco Deleitoso* não parece ter correspondência no *De Vita Solitaria*, o que sugere que tenha sido elaborado ou extraído de outra fonte pelo autor daquele texto português. Salientar a presença de Isaac no *Boosco Deleitoso* é importante, pois atesta o fato de que a figura de Isaac circularia no imaginário medieval português. Pimpão (1947, p. 234), aliás, assinala que o “tratado do abade Isaac, *De Vita Solitaria* [...] deve ter sido muito lido no tempo [da publicação do *Boosco Deleitoso*], como se conclui do facto de andar junto com obras bem conhecidas” (essas “obras bem conhecidas” a que alude Pimpão são os *Sete Salmos Penitenciais* de Petrarca e as obras de São João Clímaco e de São Bernardo que se encontram, juntamente com a obra de Isaac em latim, no cód. ALC 387).

Uma outra obra em língua portuguesa em que se faz referência a um “santo padre Isaac” durante a Idade Média é a tradução dos *Diálogos de São Gregório*. No Livro III dessa obra, dedicado a contar “os feitos dos outros padres mais antigos e mais alonjados de nós” (MATTOS E SILVA, 1971, v. II, p. 112-6), encontra-se um capí-

tulo (o 15º) que tem por título “De Isaac servo de Deus”: é nesse capítulo que São Gregório conta a seu interlocutor, o “clérigo don Pedro”, os feitos realizados por esse santo padre Isaac. Mas seria ele Isaac de Nínive? A princípio, não; pois o(a) autor(a) dos *Diálogos* escreveu sua obra um século antes de Isaac de Nínive compor a sua: o papa Gregório I (540-604) teria escrito os *Diálogos* depois de 593 (MATTOS E SILVA, 1993, p. 215); já Isaac de Nínive (+ ca. 700) teria composto sua obra por volta de 688 (MILLER, 1984, p. lxiii-lxiv); e (b) no capítulo acima mencionado, diz-se que o santo padre Isaac em questão, embora tivesse nascido na Síria, teria morado na Itália (menciona-se a cidade de Spolete); mas nenhuma das fontes biográficas de Isaac de Nínive faz referência a viagem à Europa. É muito provável que o santo padre Isaac mencionado nos *Diálogos de São Gregório* algum dos outros Isaacs, com os quais Isaac de Nínive freqüentemente é confundido.¹²

A existência, entretanto, de trecho do *Livro de Isaac* em português que é semelhante a uma fala de Isaac nos *Diálogos de São Gregório* abre novamente a discussão sobre a relação entre os textos desses autores. Confira-se inicialmente qual trecho é esse:¹³

O monge que en terra demanda possisson non he monge. (MATTOS E SILVA, 1971, v. II, p. 113) – *Diálogos de São Gregório*, livro III, capítulo 15, frase 28.¹⁴ [Leitura crítica]

¹² Tal confusão se verifica, por exemplo, na tradução da obra de Isaac de Nínive para o francês moderno, feita por Hotman de Velliers (cf. SAINT ISAAC DE SYRIE, 1971, p. 3): o tradutor descreve erroneamente o autor da obra, pois – embora diga que seja Isaac, o Sírio – informa que teria nascido na região da Antioquia por volta do ano 365 d.C. e falecido por volta de 460 – estes dados dizem respeito, na verdade, a um outro autor que é chamado Isaac da Antioquia. Cf. ainda o que Migne (1865, p. 800) fala a respeito das confusões entre os diferentes Isaacs em sua *notitia*.

¹³ Tal excerto não aparece, entretanto, nas duas outras cópias portuguesas do *Livro de Isaac*, isto é, no cód. 50, 2, 15 da BNRJ (cf., em especial, o fól. 111v) e no cód. CXIII/1-40 da BPADE.

¹⁴ Segundo Mattos e Silva (1971, v. III, p. 87), na versão B dos *Diálogos* (cód. ALC 182, da BNL) consta <na> no lugar de <en>. ou seja, aproxima-se ainda mais do excerto presente no *Livro de Isaac*.

O monge que na terra quer haver riqueza nom é monge. (CAMBRAIA, 2000a, p. 559-61) – *Livro de Isaac*, capítulo XLVIII, linhas 3672-3673. [Edição interpretativa de PL]

Como explicar tal coincidência se, por questão de ordem cronológica, o Isaac dos *Diálogos* não pode ser o de Nínive?¹⁵ Uma consulta à versão em latim do *Livro de Isaac* existente na Biblioteca Nacional de Lisboa e pertencente ao Fundo de Alcobaça revela a presença desse trecho na referida versão, o qual é praticamente idêntico ao da versão latina dos *Diálogos de São Gregório*:¹⁶

Monachus qui in terra possessionem quaerit non est monachus (códice ALC 387, fólio 115v, linha 46) – *De Vita Solitaria*, cap. XVIII [Edição semidiplomática]

Monachus qui in terra possessionem quaerit, monachus non est (MORICCA, 1924, p. 165) – *Gregorii Magni Dialogi Libri IV*, liber tertius, cap. 14, linhas 24-25 [Edição crítica?]

Embora tal trecho conste da versão latina alcobacense do *Livro de Isaac*, o mesmo não ocorre em relação à edição do texto latino feita por Migne (1865). Tampouco consta da tradução da *Primeira Parte* da obra de Isaac de Nínive para o inglês de Miller (1984), a qual foi feita com base em manuscritos contendo os textos de Isaac em siríaco e em grego. Diante disto, pode-se aventar a hipótese de que algum copista da tradição latina do *Livro de Isaac* tenha consultado o texto latino dos *Diálogos de São Gregório* e transportado aquele trecho, seja por achar que faltava à cópia do texto de Isaac de que dispunha, seja por querer complementá-la. Como o

¹⁵ Embora o papa Gregório I não possa ter citado Isaac de Nínive, curiosamente o inverso se deu: consta no capítulo III do *Livro de Isaac* o seguinte trecho: “Diz Sam Gregorio que ‘bõa cousa é aprender teologia por amor de Deus, mais muito melhor cousa é que o homem alimpe a si meesmo ante Deus’” (CAMBRAIA, 2000a, p. 173-5), o qual, segundo Miller (1984, p. 32), estaria no § 12 da oração 3 da obra *On Flight* de São Gregório.

¹⁶ Agradece-se aqui à Profa. Dra. Rosauta Poggio, da UFBA, por ter fornecido a transcrição do excerto em questão em latim dos *Diálogos de São Gregórios* (ed. de Morrica).

texto da versão em espanhol de 1489¹⁷ também não apresenta o trecho em questão, é possível supor que a interpolação tenha ocorrido no próprio território português.

BIBLIOGRAFIA

- ASKINS, A.L.-F.; FAULHABER, C. B.; SHARRER, H. L. (Eds.) (2001). *PhiloBiblon*: electronic bibliographies of medieval catalan, galician, portuguese, and spanish texts. Berkeley. (Versão eletrônica da Internet, v. 5 august).
- BARAUT, C. (1962). En torno al lugar donde fue impresa la traducción castellana del Isaac "De religione" de Bernardo Boil. *Gutenberg-Jahrbuch*. Mainz, p. 171-8.
- BEDJAN, P. (Ed.) (1909). *Mar Isaacus Ninivita De perfectione religiosa*. Paris/Leipzig: Otto Harrassowitz.
- BOAVENTURA, F. de S. (1827). *História chronologica, e crítica da Real Abbadia de Alcobaça*. Lisboa: Impressão Regia.
- BROCK, S. (1987). *The syriac fathers on prayer and the spiritual life*. Kalamazoo (Michigan): Cistercian Publications Inc.
- BUNGE, G. (1985). Mar Isaak von Ninive und sein 'Buch der Gnade'. *Ostkirchliche Studien*. Würtzburg, v. 34, n. 1, p. 3-22.
- CAMBRAIA, C. N. (2000a). *Livro de Isaac, edição e glossário (cód. ALC. 461)*. São Paulo. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). FFLCH, USP.
- _____. (2000b). *Livro de Isaac*: estudo da relação entre as versões medievais portuguesas. Évora. (Comunicação apresentada no *Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil*, Universidade de Évora, 8 a 13 de maio de 2000.)
- _____. A difusão da obra de Isaac de Nínive em línguas ibero-românicas, breve notícia das tradições portuguesa, espanhola e catalã. In: RAVETTI, G.; ARBEX, M. (Org.) (2002). *Performance, exílio, fronteiras, errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.
- _____. Reconstruindo a tradição medieval portuguesa do *Livro de Isaac*, estudo lingüístico comparativo das versões existentes. Salamanca. In: MIRET, Fernando Sánchez (Ed.) (2003). *Actas del XXIII Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románica, Salamanca, 24-30 septiembre 2001*. Tübingen: Max Niemeyer, v. IV, sección 5: Edición y crítica textual; Sección 6: Retórica, poética y teoría literária.

¹⁷ Consultou-se a fotocópia em papel feita pela Michigan Transfer Information Source da Universidade de Michigan a partir de microfilme produzido pela General Microfilm Company (Cambridge, Mass.) em 1987, na *Hispanic Culture Series (Hispanic Books Printed before 1601*, reel 214, n. 6. Não há indicação de qual dos 6 exemplares existentes serviu de fonte para a microfilmagem: muito provavelmente terá sido o da Hispanic Society de Nova Iorque.

- CEPEDA, I. V. (1995). *Bibliografia da prosa medieval em língua portuguesa*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- CHABOT, J. B. (1892). *De S. Isaaci Ninivite vita, scriptis et doctrina: accedunt ejudem Isaaci tres integri sermones quos e codicibus syriacis Musaci britannici descripsit, latinitate donavit, notis instruxit et, collatione ad graecam versionem facta, nunc primum publici juris facit* I. B. Chabot. Paris: E. Leroux.
- CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, E. A. (Eds.) (1974). *The Oxford dictionary of the christian church*. 2. ed. London: Oxford University Press.
- DUROSELLE, J.-B. (1949). *Histoire du catholicisme*. Paris: Presses Universitaires de France. (Que sais-je?, 365).
- FIGUEIREDO, F. de (1960). *História literária de Portugal (séculos XII-XX)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- KHALIFÉ-HACHEM, É. Isaac de Ninive. In: VILLER, M. et al. (1971). *Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique*. Paris: Beauchesne, t. 7, Partie 2. Colunas 2041-2054.
- MAGNE, A. (Ed.) (1950). *Boosco deleitoso*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, v. I, Texto crítico.
- MARTINS, M. (1952). O “Livro do desprezo do mundo” de Isaac de Nínive, em medievo-português. *Boletim de Filologia*, Lisboa, t. XIII, p. 153-63. (Reeditado como MARTINS, M. (1956). *O Livro do desprezo do mundo*, de Isaac de Nínive, em linguagem. In: _____. *Estudos de literatura medieval*. Braga: Livraria Cruz.)
- MATTOS E SILVA, R. V. (1971). *A mais antiga versão portuguesa dos “Quatro livros dos diálogos de São Gregório”*. Edição crítica com introdução e índice geral das palavras lexicais. São Paulo, 4 v. Tese (Doutorado em Letras). FFLCH-USP.
- _____ (1989). *Estruturas trecentistas*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____ Diálogos de São Gregório. In: LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe (Org.) (1993). *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- MATTOSO, J. (1997). *Religião e cultura na Idade Média portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. (Temas Portugueses)
- MENEGAZ, R. (Ed.) (1994). *Livro de Isaac de Nínive (séc. XV)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.
- MIGNE, J.-P. (1865). *Patrologiae cursus completus. Series Graeca*. Paris: Ed. do Autor.
- MILLER, D. (Tr.) (1984). *The ascetical homilies of St. Isaac the Syrian*. Traduzido por Dana Miller. Boston, Mass.: The Holy Transfiguration Monastery.
- MORICCA, U. (1924). *Gregorii Magni dialogi libri IV*. Roma, Instituto Istorico Italiano. (Fonti per la Storia d'Italia)
- PETIT, L. Isaac de Ninive. In: VACANT, A. et al. (1924). *Dictionnaire de theologie catholique contenant l'exposé des doctrines de la theologie catholique, leurs preuves et leur histoire*. Paris: Letouzey et Ane. Tome huitième, Première partie.
- PETRARCA, F. (1956). *Prose*; a cura di G. Martellotti e di P. G. Ricci, E. Carrara, E. Biachi. Milano-Napoli: Riccardo Ricciardi.
- PIMPÃO, Á. J. da C. (1947). *História da literatura portuguesa*. [s.l.]: Quadrante. Primeiro volume (Séculos XII a XV).

CAMBRAIA, César Nardelli. A circulação do *Livro de Isaac* em Portugal.

SAINT ISAAC DE SYRIE (1971). *Sentences; un trésor de sagesse*. Trad. de M. Hotman de Velliers. Paris: Presence Orthodoxe.

SANTANA NETO, J. A. de (1997). *Duas leituras do tratado ascético-místico Castelo Perigoso*. São Paulo. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). FFLCH-USP.

SARAIVA, A. J.; LOPES, Ó. (1995). *História da literatura portuguesa*. 16. ed. corrig. e actualiz. Porto: Porto Editora.

VASCONCELOS, J. L. de (1959). *Lições de filologia portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.

WENSINCK, A. J. (1923). *Mystic treatises by Isaac of Nineveh*. Reimpr. Amsterdam, Koninklijke Akademie van Wetenschappen. [Reimpr, Wiesbaden: Martin Sändig oHG., 1969]

ABSTRACT: The aim of this paper is to discuss the presence of the *Livro de Isaac* in Portugal. After briefly describing the ways of access of Isaac's work in the Iberian Peninsula, we discuss its diffusion in the portuguese Middle Age.

Keywords: Portuguese Philology, Textual Criticism, Isaac of Nineveh, Middle Age.